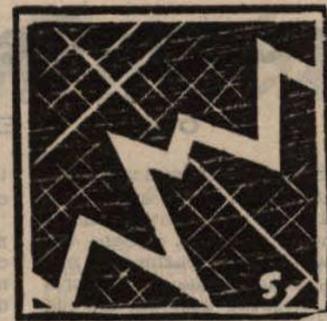


# abc — à cerca do idealismo



na linha  
quebrada  
da nossa  
época...

A nossa atitude de combate ao idealismo provocou estranheza e incompreensão em alguns dos nossos leitores que a reputam paradoxal e contraditória. Os srs. José Régio, no penúltimo número da *Presença*, e João Pedro de Andrade no n.º de aniversário de *A Mocidade*, fazem-se eco dessa incompreensão, lamentando o primeiro: «Actualmente, a metafísica é uma vergonha» (1), e dizendo o segundo que «A juventude... acusa as gerações anteriores de idealistas (ser idealista é hoje alvo de acusação) e mostra, pelo seu próprio exemplo, exuberantemente, que nada se pode desejar sem se ser idealista».

Na raiz destas atitudes idênticas estão motivos muito distintos.

E' que para o sr. José Régio a filosofia é um luxo sem conseqüências, um malabarismo de inteligência e para ele tanto valor têm as cogitações «profundas», os delírios, a literatura de um Schopenhauer, de um Alfred Rosenberg ou de um Heidegger, como o esforço sério, equilibrado e sensato de pensadores como Spinoza. Diderot ou qualquer dos fundadores do Diamat. *Em si*, como construção interna, tanto valor podem ter uns como outros.

Para o sr. J. P. de A. o caso é diferente: desconhecendo ou conhecendo mal o materialismo dialéctico, tendo do materialismo a idéia espalhada pelos seus detractores (que nunca fizeram uma crítica sistemática ao mat. consequente), e concordando, noutro sentido, com a nossa luta em outros aspectos ideológicos, vê contradição no facto de, por um lado, combatermos o idealismo, e por outro lado defendermos uma determinada posição ideológica.

Ao sr. José Régio responderemos que, para nós, a filosofia é algo mais que um simples iógo. Pela Filosofia, anelada na Ciência, procuramos o conhecimento das leis do Universo, não por conhecer, mas para o transformar; na Filosofia procuramos um guia para a acção transformadora do Mundo. Aquellatamos do valor de um sistema filosófico pelo que ele nos pode fornecer neste sentido.

A'ouêes dos nossos leitores que pensam como o sr. J. P. de A. são dirigidas as linhas que vão seguir-se.

(1) Teria sido mais justo e expressivo se dissesse: é um crime.

Diremos em primeiro lugar que a confusão é devida ao facto de a palavra *idealismo* poder ser tomada em accepções diferentes. Na accepção filosófica exprime uma posição perante o problema fundamental da filosofia—o das relações entre o espírito e o ser, entre o pensamento e a natureza—a que adiante nos referiremos mais demoradamente.

Num outro sentido diz-se vulgarmente: E' é um *idealista*, para significar que essa pessoa é partidária dum *ideal* político ou social, ou ainda num sentido irónico para designar um indivíduo lunático, alheio às realidades, extravagante, que muitas vezes é também cognominado de «filósofo» (2).

—Interessam ao nosso caso as duas primeiras accepções.

Procuremos definir a primeira: *idealismo filosófico*. Dissemos que o idealismo filosófico marca uma atitude perante o problema das relações entre o pensamento e a natureza.

Este problema põe-se nos seguintes termos:

a) Existem o espírito e as coisas?

b) Se existem, quais as suas relações?

Conforme a resposta a estas questões assim um sistema é qualificado de idealista, materialista ou dualista.

Se a resposta for que «só o espírito existe»; que «o espírito é a única realidade absoluta»; ou que «o espírito é anterior à matéria e as coisas uma cópia grosseira das idéas», ou qualquer outra proposição que a estas se reduza, estamos colocados perante uma concepção idealista do mundo.

Se pelo contrário nos disserem que «só a matéria existe», que «o pensamento é uma secreção da matéria organizada de maneira especial», que «a matéria é anterior ao espírito», ou que «a matéria pode existir sem que exista o espírito, mas a recíproca não é verdadeira», estaremos perante uma concepção materialista (3).

(2) A origem deste facto está no descrédito em que caíram as filosofias «profundas», em virtude da sua esterilidade e das suas conclusões contrárias ao senso e à intuição da totalidade dos homens, no uso das suas faculdades normais, é claro.

(3) E' conveniente que o leitor consulte, para melhor fazer a distincção entre materialismo dialéctico e mecanista, os artigos publicados sobre o assunto na nossa revista,

A concepção dualista de que coexistem espírito e matéria, reduz-se, em última análise, a qualquer das anteriores concepções.

Todos os sistemas filosóficos se podem classificar dentro destas categorias, embora possam diferir em muitos aspectos.

Se uma doutrina não toma posição perante o problema crucial da filosofia (posto da forma atrás enunciada), verificamos qual a sua posição sobre a questão do valor do conhecimento (4), que em última análise, é uma outra forma do anterior. A resposta dum idealista implicará sempre que «as verdades atingidas pela via do conhecimento são subjectivas», quer diga, com Berkeley, que só o espírito existe e o mundo não tem realidade objectiva, quer pense conforme Kant, afirmando a existência de coisas objectivas (5), de *coisas em si*, considerando-as Inconoscíveis; ou admita (com Hegel) «a verdade objectiva, mas sómente no sentido em que a idéa, o espírito, tem uma existência objectiva, independente do homem, e para quem, por consequência, o conhecimento é verdadeiro não porque reflecte a natureza material, mas porque está em relação com uma idéa, um espírito, um deus, independentes, dotados de existência objectiva».

Um materialista não só reconhecerá a existência real do mundo exterior, como afirmará que a consciência nos dá um reflexo fiel (conhecimento) da realidade objectiva, desde que esse conhecimento seja verdadeiro, quer dizer, desde que esse conhecimento seja verificado pela prática.

Kant estabelecia uma distincção rigorosa entre *coisas para nós* (o que nós conhecemos) e *coisas em si* (Inconoscíveis). O materialista dialéctico dirá que a única diferença que distingue umas e outras, é que as primeiras *já* são conhecidas e as segundas *ainda* não. Pelo progresso do nosso conhecimento do mundo

em «O Diabo», ou em livros e revistas que, se nos pedir, lhe indicaremos. (N. da R.)

(4) E', o nosso conhecimento do mundo exterior, verdadeiro? E' um reflexo fiel desse mundo, ou nada nos diz sobre o que ele é realmente?

(5) Exteriores à consciência dos homens.

do as *coisas em si* são transformadas em *coisas para nós*.

A isto opõem os idealistas a questão de saber qual o fundamento da crença na existência do mundo exterior; e, admitindo esta, a de saber qual a base da afirmação de que o conhecimento é um reflexo fiel do mundo exterior.

A toda a pessoa de senso normal esta questão se apresenta como meramente formal, e o próprio idealista que a põe, pressupõe que será ouvido por alguém, *exterior* a ele, e que as suas palavras serão compreendidas por esse alguém, com o mesmo significado que ele lhes atribui, e isso só é possível desde que essas palavras exprimam fielmente qualquer coisa ou idéa que é exterior a ambos conjuntamente ou a cada um deles separadamente.

A dificuldade está apenas em justificar logicamente (à luz da lógica formal), mas o materialista responderá que a prática, a actividade do homem, será o critério de verificação da veracidade do conhecimento. «E' actuando sobre o mundo que nós verificamos se as nossas concepções reflectem exacta ou inexactamente a natureza das coisas».

«A questão de saber se o pensamento humano pode conduzir a uma verdade objectiva não é uma questão teórica, mas uma questão prática. E' na prática que é preciso que o homem prove a verdade, quer dizer, a realidade, e a potência, o ultrapassamento, do seu pensamento. A discussão sobre a realidade ou irreabilidade do pensamento, isolada da prática, é puramente escolástica».

Assim, a viagem de circumnavegação da Terra, confirmou a teoria dos cosmógrafos modernos de que a Terra é esférica e não plana como acreditavam os antigos.

—Significará o que temos dito que o idealismo filosófico seja sem sentido e absolutamente falso? Só o materialismo mecanista, grosseiro e metafísico, tomará tal posição.

«Pelo contrário, sob o ponto de vista do materialismo dialéctico, o idealismo filosófico é um desenvolvimento unilateral, exagerado, avolumado, dum dos aspectos ou limites característicos do conhecimento, num absoluto divinizado, em qualquer coisa separada da matéria, da natureza».

Além disso, historicamente, o idealismo filosófico teve o mérito de chamar a atenção para o papel das idéas, da

consciência, que os materialistas mecanistas tinham tendência a consiêrarem um epifenomeno, uma coisa sem importância.

E' conveniente também nunca perder de vista que foi a partir duma das formas extremas do idealismo, a dialéctica de Hegel, que apareceu o materialismo dialéctico, inversão materialista da dialéctica hegeliana, sugerida pela crítica as situações históricas concretas. (E' esta uma curiosa ilustração do fenomeno dialéctico, de um sistema gerando no seu seio as proprias causas da sua negação e excedimento).

—O materialismo dialéctico explica e critica o idealismo pela localização concreta do idealista no espaço, no tempo e na sociedade.

A constituição psico-fisiológica, a educação, a instrução, a posição e ambiente social, as ideas dominantes da época, a profissão, tudo isso são factores que influem na visão que o homem terá do mundo e orientarão a sua posição ideológica.

O matemático puro, habituado a lidar com números que privou de todo o conteúdo concreto, habituar-se-á a atribuir-lhes existência real como números, esquecerá a sua base e significação reais, e dirá, muitas vezes, que os números governam o mundo, e identificará as coisas com os números, os conceitos que as representam.

Um juiz habituado a aplicar as leis, esquecendo a raiz destas, será conduzido, por um desvio profissional (reflexo na sua consciência e estrutura mental, do seu viver concreto), a pensar que as leis governam, por si, os homens.

—Os homens duma classe ascendente, progressiva, trabalhando e agindo concretamente na história, na sua profissão, criarão uma mentalidade especial de conquistadores, serão iconoclastas, realistas, materialistas.

Assim foram os burgueses da Revolução Francesa. Triunfam e instalam-se no

poder que tratam de salvaguardar, e para isso allam-se com os inimigos de ontem. Atingem o apogeu e cantam as acções e concepções que lhes deram o bem estar: a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a máquina, a técnica, a ciência, a razão—o *Progresso* (6).

Aparecimento e desenvolvimento das primeiras dificuldades e contradicções (7).

Agravamento das dificuldades e contradicções. Descrença na liberdade, na igualdade, na fraternidade, na máquina, na técnica, na ciência, na razão—no *Progresso*.

Horror à realidade, refúgio na quimera.

Mistificação consciente ou inconsciente em todos os campos, fuga à realidade—*idealismo*.

Coexistindo com a que decal vive e cresce a classe ascendente.

Conflito em todos os campos—são dois interesses que lutam; são duas ideologias que se chocam.

Ao irracionalismo, ao pessimismo, ao obscurantismo, ao idealismo de uns, opõe-se o racionalismo, o optimismo, o amor da verdade, o materialismo dos outros.

O burguês de 1789 e o representante de 1917 combatem por um ideal. O senhor feudal de 1789 e o burguês de 1917 defendem o seu ideal.

Materialismo dialéctico e idealismo duas ideologias (característica comum de ambas) contraditórias, que lutam se combatem, e que são expressão de qualquer coisa mais profunda que lhes serve de suporte.

Como se vê nenhuma incoerência da nossa parte... nem tão pouco na dos outros...

ALVES MOURA

(6) Ver para melhor esclarecimento os artigos do nosso camarada Luiz Vieira, na nossa revista e a bibliografia por ele aconselhada. (N. da R.)

(7) Outro exemplo flagrante de fenomeno dialéctico, caracterizado como o fizemos no texto.

## “O Diabo” Grande semanário de literatura e crítica.

Publica em todos os números: Ensaio, literatura de ficção, páginas de antologia, movimento de ideas, cultura científica, economia; crítica de livros, teatro, artes plásticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, Coisas de «O Diabo», etc.